

## EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE AFETO E TEMPO PARA SER CRIANÇA

Leila Salete Ramos dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar novas organizações de tempo e espaço escolar e que representam um avanço nas práticas educativas que privilegiem o ser, estar, pensar e sentir de cada um e que se expressem como uma ferramenta pedagógica facilitadora das relações que dentro dela se estabelecem e que oportunizem um encontro real entre as crianças e a escola de qualidade. Assim, após a elaboração de referencial teórico, o grupo organizou pesquisa de campo, numa escola da Rede Municipal de ensino de Porto Alegre/RS, através de visita, observação e entrevista.

**Palavras-Chave:** educação infantil - espaço - tempo.

### Apresentação

A busca de subsídios teóricos para fundamentar e, assim, entender o que é a organização de tempos e espaços escolares e como torná-la uma ferramenta pedagógica facilitadora e intencionalmente utilizada para desenvolver ações autônomas e ricas em aprendizagens nos fez debruçar sobre vários autores e sobre várias ideias, que foram elucidando nossa tentativa de construção coletiva de um conceito claro de “como se faz” ou “como se deveria fazer” para oportunizar um encontro real entre as crianças e a escola de qualidade.

### O que é organização de tempo e espaço na educação infantil?

Um olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que permeiam uma sala de aula e a forma como todos ocupam este espaço e como interagem são reveladores de sua concepção pedagógica.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da disciplina de Organização da Prática Pedagógica II. Pedagogia Ed. Infantil. Ed. Popular. PUCRS

Segundo Piaget (1978), a representação do espaço para a criança é uma construção internalizada a partir das ações e das manipulações sobre o ambiente espacial próximo do qual ela faz parte.

Portanto, para ele, não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente.

Wallon e Vygotsky (apud HORN, 2004) também são legítimos representantes desta discussão. A partir da perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento, esses teóricos relacionam afetividade, linguagem e cognição com as práticas sociais, ao discutirem a psicologia humana em seu enfoque psicológico. Desse modo, na visão de ambos, o meio social é fator preponderante no desenvolvimento dos indivíduos.

Assim, concluímos que, para esses autores, planejar a vivência no espaço implica prever atividades fundamentais para a faixa etária a que se destina, adequando a colocação dos móveis e dos objetos que contribuirão para o pleno desenvolvimento das crianças. Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor.

Avançando em nosso resgate, encontramos em Zabalza (1998) uma das grandes contribuições atuais a respeito de espaço, que o mesmo entende sob uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-se como um elemento curricular. A partir desse entendimento, o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas.

O autor faz também distinção entre espaço e ambiente. Para ele, “espaço” é o local onde são realizadas as atividades e “ambiente” refere-se ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem. Resumindo, em relação ao espaço, temos as coisas postas de modo mais objetivo e em relação ao ambiente, as mais subjetivas. Esse é um modo indissociável de ver esses elementos que habitam e relacionam-se dentro de uma estrutura física determinada. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.

## **O Ambiente Como Uma Ferramenta Pedagógica A Serviço Do Professor**

Na busca por subsídios que embasassem nossa pesquisa referente à organização do espaço como um elemento pedagógico auxiliar do professor, encontramos em Devries e Zan (1998) um dos princípios fundamentais da educação construtivista, que é a construção de um ambiente sociomoral em que todas as interações entre as crianças/crianças e crianças/adultos apoiam e promovem o desenvolvimento social, moral, emocional e da personalidade das crianças.

Devries e Zan (1998, p. 67) afirmam que um ambiente moral “inicia com a atitude de respeito do professor pelas crianças e pelos seus interesses, sentimentos, valores e ideias”. Esse respeito entendemos como expresso na organização da sala, bem como nas interações do professor com as crianças, considerando três aspectos fundamentais para as autoras: as necessidades fisiológicas (instalações adequadas para alimentação, repouso e ir ao banheiro), as necessidades emocionais (respeito e aceitação pelos sentimentos dos outros) pelo qual é criado um ambiente em que as crianças sentem-se proprietárias do mesmo e a sala de aula lhes pertence e expressa sua personalidade, não só a do professor. As crianças sentem-se à vontade porque podem também organizá-la para sua segurança, conforto, prazer e conveniência. O último aspecto é a necessidade intelectual que perpassa pelo planejamento de atividades que estimulem seus interesses e agucem sua curiosidade.

As autoras nos indagam e nos levam a refletir sobre quais são os efeitos desse ambiente sócio-moral receptivo, respeitoso e estimulante sobre as crianças. Embasadas em nossas leituras e no nosso fazer pedagógico, podemos concluir que as crianças passam a se envolver ativamente uma com as outras, dividem experiências, interferem efetivamente em sua realidade e aprendizado, exercem sua iniciativa e sua vontade, agindo sobre os objetos e pessoas. Em resumo, concordamos com as autoras quando afirmam que “as crianças são livres para serem elas mesmas neste ambiente, com todo o seu egocentrismo, sentimentos honestos e interesses genuínos.” (1998, p. 27)

Diante de todas essas abordagens, ficou claramente expresso que estruturar um ambiente e respeitar o tempo de cada criança deve ser a base, o fio condutor de toda ação pedagógica, tendo um papel mediador da interação da criança com o mundo e de facilitador do desenvolvimento das capacidades de imaginação e criação.

Portanto, o tempo e o espaço da criança, na instituição de educação infantil, devem ser plenos de sentido e desafiadores, em que as relações estabelecidas sejam simultaneamente significativas, prazerosas e inovadoras, tendo em vista que a partir dos avanços nos estudos do psiquismo infantil tudo é educativo, tudo é pedagógico.

## Conhecendo Novos Espaços

A escola visitada para ilustrar nosso trabalho foi uma escola de Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS, localizada na zona Norte da cidade. A escola possui 186 alunos, de zero a 5 anos, distribuídos em 09 turmas (B1-B2; M1; M2A-M2B; JA1-JA2; JÁ1-JA2) e em torno de 52 funcionários, entre professores, funcionários do quadro e funcionários terceirizados.

Essa escola, apesar de pertencer à Rede Municipal de Ensino, que já tem em sua prática pedagógica uma filosofia de atendimento voltada a uma educação popular de qualidade, se organiza de uma forma diferenciada, tendo nas salas ambientes um modelo particular de orientar sua rotina, modificando a organização de seus espaços e tempos.

A pessoa que nos recebeu foi a coordenadora pedagógica da escola, que nos levou primeiramente a conhecer as dependências da mesma e, depois, procedemos à entrevista, quando a abordamos com perguntas já pré-definidas (em anexo) e também com outras que foram surgindo, fruto da nossa curiosidade epistemológica. Curiosidade alicerçada, principalmente, em como se dá na prática o desenvolvimento desse projeto, ou seja, como teoria e prática se fundem e acontecem.

A coordenadora nos explicou que esse projeto coletivo de escola nasceu da necessidade de repensar o manejo das turmas, as práticas pedagógicas desenvolvidas e também, num caso especial, para resolver os problemas recorrentes das turmas de Jardim, que, no caso dessas escolas, são turmas numerosas (25 alunos) e o educador trabalha sozinho, acarretando a fuga dos mesmos dessas turmas. A idealizadora do projeto foi a antiga diretora que obteve eco quase que unânime em sua equipe de trabalho.

Perguntada se a escola tinha uma fundamentação teórica, ela respondeu que fizeram muitas leituras sobre Miguel Zabalza e Reggio Emília, esta última por “imposição” da mantenedora, mas não tinham a intenção de imitar essas escolas. Foi apenas fruto da vontade coletiva de sair da inércia, quebrar paradigmas e melhorar em todos os níveis o ambiente escolar.

Claro que nem tudo foi fácil, houve conflitos e alguma resistência por parte de um segmento da comunidade escolar, pois a desacomodação seria muito grande, forçando-os de alguma forma a sair do “ranço” que permeia a maioria das escolas públicas: a “pedagogia do pátio”, a “pedagogia do vídeo” e por aí afora... Mas os conflitos são inerentes a toda mudança e servem como fator de crescimento, pois, segundo Pacheco (site oficial Escola da Ponte), “compreendemos que precisávamos mais de interrogações que de certezas”. Houve um grande trabalho de convencimento, a fim de alimentar, de estimular, foram propostas visitas a

outras escolas com o objetivo de se conhecer outros espaços. As equipes traziam os problemas e todos pensavam numa solução.

A escola não possui alunos com necessidades especiais, mas por não haver inscrição no processo de seleção e na lista de espera não tem conhecimento, pois muitas famílias escondem a situação, muitas vezes, por medo de não ganharem a vaga.

O projeto da escola constituiu-se num processo de pesquisa de reengenharia escolar que durou todo o ano de 2006, quando foram estudadas todas as possibilidades de espaço físico, e verbas, em que a escola foi vista como um todo. Quais ambientes, quais materiais, quais recursos serão necessários para concretizarmos esses sonhos? Essas foram algumas das indagações feitas.

No início do ano escolar de 2007, o projeto passou a ser implantado, com a entrega para a comunidade das novas dependências da escola, constituídas por salas ambientes, (sala da culinária, brinquedoteca, sucatoteca, jogoteca, sala dos computadores, sala de vídeo, biblioteca, sala de artes, sala de ciências, sala de ciências humanas, etc) que foram batizadas pelos próprios alunos, criando uma significação maior para eles. Cada sala tem seu nome, como Sala do Globo – JA1; Sala da Sucatoteca – M1, etc...

As salas são todas claras, com muito pouco mobiliário, mas com vasta gama de recursos adequados para seus fins. Tudo está ao alcance dos pequenos e arranjado para facilitar o seu acesso e uso independente.

A escola também é bastante decorada com trabalhos e produções das crianças, que nos lembram o tempo inteiro o projeto coletivo da escola, cada turma dando o seu viés. Também existem muitos cartazes com informações importantes sobre a escola, como rotina, cronograma, organograma, cardápio, aniversariantes, calendário escolar, composição do Conselho Escolar e urna para sugestões, reclamações e críticas.

Realmente sugere um local pensado, único e atraente. Cheio de luz, de variedade de cores e sons e de alegria.

Cada turma faz um rodízio de salas, permanecendo cerca de 50 min e passando por 2 salas pela manhã e por, pelo menos, uma à tarde. Mas todas as turmas têm sua sala referência onde ficam guardados seus pertences em mochileiros identificados e onde fazem a hora do descanso.

A equipe de professores se reúne semanalmente com a coordenação pedagógica a fim de traçar as ações para a semana posterior e definir o cronograma de uso de cada sala, pois são usadas intencionalmente, de acordo com o projeto que estão desenvolvendo e a equipe da

turma, mensalmente, em reuniões de formação, para trocar ideias sobre o planejamento e o que está sendo feito, tanto pela manhã como pela tarde.

A gestão, na perspectiva das escolas municipais, é desenvolvida de modo coletivo, com a participação de todos os segmentos que compõem a comunidade escolar: equipe diretiva, professores, funcionários, alunos e pais, oportunizando o pleno exercício da representatividade.

Gestão democrática significa, portanto, uma escola que se transforma em espaço permanente de experiências e prática da democracia. O aprendizado da democracia deverá permear todo o conjunto de relações que se desenvolvem no seu interior e as relações com a comunidade. (José Clóvis de Azevedo)

Perguntada sobre a participação e envolvimento das famílias nesse processo, a coordenadora respondeu que todos aplaudiram as ideias e se manifestaram a favor, mas a participação mais efetiva dentro do ambiente escolar continua a ser em festas e eventos, e, quando solicitados para reuniões, nem tanto. São sempre os mesmos pais que comparecem, mas acreditam que seria possível estabelecer comunicação com as famílias dos alunos, se os pais não fossem chamados apenas para escutarem queixas ou contribuírem para alguma coisa.

Apesar da participação dos adultos apresentar dificuldades e lacunas e também revelar níveis de qualidade e efetividade muito diversos, percebe-se que a atmosfera estimulante da escola propicia um bom grau de acolhimento. Isso acontece porque ela é um convite à troca de ideias, possui um eixo aberto e democrático e, dessa forma, tende a ampliar horizontes. Na prática, deve-se manter e reinventar continuamente nossa forma de comunicação e encontros com os pais.

A prática diz-nos, ainda hoje, que os pais têm dificuldade em conceber uma escola diferente daquela que frequentaram quando alunos, mas que, quando esclarecidos e conscientes, aderem e colaboram.

A avaliação é semestral, sendo a primeira entregue agora, no final do primeiro semestre, e na qual é traçado apenas um perfil da turma, suas preferências, manifestações, brincadeiras, produções, enfim, um documento que retrate de onde essa turma partiu e para onde está indo. A segunda avaliação é entregue no final do ano, com parecer descritivo individual do aluno, coletado através de anotações, observações e das produções e desenvolvimento dos mesmos. Cada equipe possui uma Planilha Semanal onde são registradas diariamente as atividades realizadas em cada sala ambiente.

As professoras usam diariamente um bloquinho de anotações, carinhosamente chamado por elas de Anedotário, onde registram as falas e comportamentos significativos dos alunos.

Hoffmann (1996, p 86) nos diz que

ao avaliar, o professor deve lembrar-se da sua posição mediadora, participante e responsável no processo de desenvolvimento de seu aluno.(...) A partir disto deve lançar mão de uma avaliação reflexiva e evolutiva, buscando ações e posturas que apóiem seu aluno tanto nas dificuldades como em seus progressos.

A visita a esta escola transmite uma sensação de descobertas, principalmente de como o ambiente é revelador do programa educacional e essa integração demonstra movimento, vida, receptividade.

### **Considerações Finais**

Quando pensamos no ambiente, no espaço, em educação infantil, é importante levar em conta tanto o que vemos, quanto o que não vemos, mas sentimos, percebemos. Todos os aspectos refletem, como um espelho, o clima do que acontece e qual é a proposta daquele espaço, das ideias, valores e atitudes de quem vive nele.

O desafio de se pensar numa proposta pedagógica para a instituição de Educação Infantil deve ser enfrentado, se quisermos fazer avançar a concepção assistencialista que historicamente a tem caracterizado.

Tal experiência de pesquisa levou-nos a aprofundar uma concepção de educação sócio-interacionista de desenvolvimento que já estava latente e que agora nos faz percorrer novos caminhos para assegurarmos um atendimento de qualidade, buscando elaborar princípios norteadores para uma ação pedagógica voltada para a construção pela criança do conhecimento de si mesma e do mundo que a rodeia.

O ambiente, como já foi dito anteriormente, é um sistema vivo, em transformação e deve ser flexível, bem como o modo como o tempo é estruturado dentro desse espaço é de total relevância. O espaço precisa comunicar-se a fim de falar muitas e todas as linguagens. No sócio-interacionismo, a interação contínua indivíduo-meio-indivíduo propicia à criança a participar do mundo do adulto, comunica-se com ele através da linguagem, compartilha a história, os costumes e os hábitos de seu grupo social, o que lhe garante essa imensa capacidade adaptativa aos mais variados meios físicos e sociais. Sob essa perspectiva, o

arranjo do ambiente acessível e instigante à criança constitui recurso básico para o seu desenvolvimento.

Mas não basta, porém, deixar a criança em qualquer ambiente, sem qualquer intervenção, acreditando que ela extrairá dele sempre boas experiências. Tal arranjo deve ser objeto de atenção intencional e de reformulação contínua para favorecer as relações interpessoais e o jogo infantil. Deve possibilitar ainda ao educador aumentar sua disponibilidade para ter uma atuação mais individualizada e dar mais iniciativa às crianças. Sem dúvida, um planejamento cuidadoso do ambiente é parte integrante de um bom manejo do ensino em sala de aula.

Móveis, paredes, tetos, espelhos, carpetes, almofadas, mesas, bancadas, prateleiras, cores, janelas, cortinas, higiene, decoração, organização, documentos das crianças, todos são reflexo da proposta educacional, da organização diária e das escolhas dos educadores e servem também como importantes aliados do educador quando oferecidos como ferramentas pedagógicas desencadeadoras de novas ressignificações e aprendizagens.

Quanto a nós, educadores, o primeiro sentimento, hoje, é de que aquela velha casa (aquele velho jeito de ensinar) não mais atende aos nossos alunos, e, em nossas inquietações, temos a sensação de que aquele espaço certinho, no qual todos enfileirados prestavam atenção à professora, está sufocando nossos alunos. Sabemos que as pessoas precisam respirar, portanto, devemos abrir as janelas e permitir que todos possam se expandir. Lançar mão de situações em que todos possam vir a ser e a expressar-se, cada um do seu jeito.

## **REFERÊNCIAS**

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.